

Campeonato brasileiro como influenciador do futebol goiano e do Estado de Goiás

Brazilian Championship as an influencer on football in Goiás and the State of Goiás

João Gabriel Btedini Brandão*
mbtguimaraes@gmail.com

RESUMO: O campeonato brasileiro foi de suma importância, para o projeto integrador que reverberava no país, com a ditadura. A criação do brasileirão em 71 havia uma grande animosidade de diversos estados com a finalidade que algum clube do seu estado, pudesse participar do campeonato.

Dentre essa corrida para adentrar ao certame nacional, o estado de Goiás possuía grande interesse em participar, porém, o maior estádio até então, era o estádio Olímpico, no qual, possuía até então 10 mil de capacidade, não era um estádio acanhado, porém, não era um estádio que a CBD (confederação brasileira de desportos), compreendesse como um local certo, para as realizações dos eventos esportivos, faltava-se uma maior capacidade ao estádio.

Na concepção da CBD, havia a necessidade dos clubes possuírem maiores estádios, para isso, alguns estados brasileiros dialogavam com o governo, no qual, ajudaram a construir diversos estádios brasileiros, dentre esses, o Serra Dourada. Estádio este, que foi usado como instrumento político tanto do estado de Goiás quanto do governo brasileiro.

No início o estádio tem como finalidade de ser um local para a realização de esportes, porém, o Serra Dourada vai mais a fundo que isso, ele consegue dialogar com as estruturas da população, na qual vai se tornando um local de cultura e patrimônio do estado. Tornando-se, assim um símbolo do estado de Goiás.

PALAVRAS-CHAVE: Integração, Futebol, Política e Serra Dourada.

ABSTRACT: The Brazilian championship was of paramount importance for the integrative project that reverberated in the country, with the dictatorship. The creation of the Brasileirão in 71 there was great animosity from several states with the aim that a club from their state could participate in the championship.

Among this race to enter a certain national championship, the state of Goiás had great interest in participating, however, the largest stadium until then was the Olympic stadium, which then had up to 10 thousand capacity, it was not a small stadium, but, it was not a stadium that the CBD (Brazilian sports confederation) understood as the right place for sporting events to take place, the stadium lacked greater capacity.

In the conception of the CBD, there was a need for clubs to have larger stadiums, for this, some Brazilian states spoke with the government, in which they helped to build several Brazilian stadiums, among them, Serra Dourada. This stadium was used as a political instrument by both the state of Goiás and the Brazilian government.

* Possui graduação em História pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

In the beginning, the stadium's purpose is to be a place for sports, however, Serra Dourada goes deeper than that, it manages to dialogue with the structures of the population, in which it will become a place of culture and heritage of the state. Thus becoming a symbol of the state of Goiás.

KEYWORDS: Football, Stadium, Cultural Heritage, Arenization.

Introdução

Inicialmente, se pensa em como se dá o início do campeonato brasileiro de 1971, com influências da Taça Brasil e da Taça Robertão chegando até então a atual competição, que é o Campeonato Brasileiro. Buscando compreender as razões de tais mudanças, onde estão estritamente ligadas ao pensamento de integração nacional, proposto pela CBD e o governo.

O início do campeonato brasileiro, que de fato acontece em 1971, ocorre os mesmos problemas que já haviam acontecido anteriormente, nas outras competições, a ausência de diversos clubes e principalmente estados, o que ia de contramão ao pensamento do Médici (então presidente do país).

Para que resolvesse esses problemas de falta de clubes de alguns estados, a CBD juntamente com o governo federal e estadual, começam a dialogar criando uma parceria que beneficiariam todos. O estado de Goiás foi um dos estados que entrou nesta, desta forma, encabeçaram a construção do estádio Serra Dourada, para que assim, clubes do estado pudessem participar da competição, de forma que ela consiga trazer um foco nacional ao estado, de forma que ele fosse mais visado, já que era um estado até então, com pouca influência futebolística e social.

Da Taça Brasil ao Brasileiro de 71 e a influência no estado de Goiás.

Jânio Quadros assume a presidência do país por meio de votos em 1960, assumindo o governo em 1961. Porém em 25 de agosto de 1961 com turbulências em seu governo ele pede renúncia de seu cargo, fazendo assim o vice João Goulart assumir. No qual este foi impedido de governar por algum tempo, alegavam que ele tinha relações comunistas.

De acordo com Fico (2004, p. 43) os militares alegavam que João Goulart poderia fazer um golpe juntamente com os comunistas e com isso ele poderia extinguir as forças armadas, por isso na concepção deles era necessária essa intervenção.

A ditadura civil-militar se instaura em 1964, após um golpe sobre João Goulart, no qual “o perfil vacilante, a inabilidade e o possível golpismo de João Goulart, diferentemente do mito do presidente reformista vitimado por reacionários” (Fico, 2004, p. 30).

Nessa perspectiva os militares e opositores do governo colocavam que João Goulart era comunista, utilizavam a imagem e propaganda que iriam limpar a qualquer chance domínio dessa ideologia do país, justamente para tentar legitimar suas ações.

De acordo com Fico (2017) os militares pensavam suas ações eram de suma importância, pois segundo Fico (2017), eles acreditavam que estavam guiando o país para o caminho certo e para isso era necessário o que eles estavam fazendo. “A permanência dos militares no poder por mais tempo era importante para evitar a necessidade de futura intervenção militar” (Fico, 2017, p. 15), nessa perspectiva, os militares impuseram uma nova constituição, para que assim pudesse ter mais poder e conseguir controlar qualquer ameaça que eles achassem que existisse.

Neste sentido, os militares assumem o governo por mais tempo que diziam e para se manter, era necessário também ter um apoio popular, desta forma, utilizavam-se diversas ações sociais e políticas, sendo uma delas o futebol. Utilizando-o como instrumento político, nesse sentido usufruem do futebol para ter uma aceitação. Ficando evidente com as ações presidenciais, principalmente por Emílio Garrastazu Médici. Guterman (2004) relata como Médici utilizava a imagem de presidente vinculando com a seleção Brasileira. Segundo ele, o presidente.

Posou de torcedor número um, deu palpites públicos sobre os jogos e, ao final, com o título assegurado, deixou-se filmar e fotografar como um autêntico entusiasta do esporte. Para alguns observadores, esta atitude é suficiente para classificar Médici como um insidioso manipulador das ilusões das massas. (GUTERMAN, 2004, p 270).

Essa perspectiva de Médici não se assegurava apenas na seleção, mas também pelas competições nacionais de clube, elas se intensificaram mais ainda nos anos de 1970. Ficando ainda mais claro os planos de integração nacional, movido bastante pelo êxito da Copa de 1970 e o sucesso que a copa repercutiu no país. No sentido em que o presidente queria aumentar ainda mais o sucesso do futebol no país, procurando estender o sucesso da seleção também para os clubes, no qual ele se apropriaria de vários estados participarem do certame nacional.

Na Taça Brasil de 1964, o Amazonas veio representado pelo Nacional de Manaus. “Agora, vinte e um dos vinte e dois Estados da federação participavam da competição, sendo apenas o estado do Mato Grosso a não disputar a taça.” (Santos, 2012, p. 46).

Nessa perspectiva, percebe-se o quanto o plano de integração nacional vem avançando ano após ano, à medida que há a inserção de alguns novos estados nos campeonatos. Porém,

esse campeonato demonstrava também o quanto o futebol do eixo Rio-São Paulo estava mais consolidado, já que das 10 edições da Taça Brasil, 08 foram conquistadas pelos dois estados, sendo 05 do Santos, 02 do Palmeiras e 01 do Botafogo.

Neste sentido, observa-se também que por mais que tenha essa tentativa de integração, ela demonstra ter muitas falhas. Já que de acordo com Santos (2012, p. 35) os clubes cariocas e paulistas entraram somente em fases finais, demonstrando também um dos motivos de serem estados com mais campeões e vices nacionais.

Essa perspectiva de consolidação do futebol do eixo em relação aos demais também é revelado a partir do futebol goiano. Os clubes goianos que participaram da Taça Brasil, foram o Vila Nova (1963 e 1964), o Atlético Goianiense (1965 e 1968), o Anápolis FC (1966) e o Goiás (1967). No entanto, nenhum clube goiano conseguiu sequer chegar em fases finais, podendo ser um dos reflexos do profissionalismo tardio.

De acordo com Santos (2012, p 52), o início do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, em 1967, também conhecido como Robertão, era o antigo Torneio Rio São Paulo que foi transformado pelos clubes do estado de Minas Gerais, Paraná e o Rio Grande do Sul. Esses times procuravam realizar jogos que fossem mais atrativos, e garantir que os maiores clubes do país pudessem se enfrentar. Desse modo, buscando maior visibilidade e, principalmente, renda. Por isso, esse campeonato se torna o principal no calendário dos clubes.

A esperança de melhores rendas e espetáculos de qualidade superior àqueles proporcionados pelos estaduais parecia concretizar-se, uma vez que a criação de um campeonato nacional racionalizaria o calendário, possibilitando inclusive a vinda de clubes estrangeiros para o Brasil e fortaleceria a Seleção Brasileira, já que jogadores de outros centros poderiam ser úteis para o time verde-e-amarelo, que tinha perdido a Taça Jules Rimet em 1966 para os anfitriões ingleses. De acordo com a *Folha de São Paulo*, a ‘ampliação do número de concorrentes, agora com a presença de clubes mineiros, gaúchos e um paranaense, deu um colorido diferente ao certame, e há muita expectativa em torno de sua realização’ (SANTOS, 2012, p 53).

Começa-se um novo passo: a profissionalização do futebol brasileiro. Onde de fato os clubes queriam maiores espetáculos e, portanto, uma minização do campeonato do estadual era prioridade, porque agora o campeonato mais importante era o nacional. A “Taça Robertão” tinha um método de escolha de clubes diferente da Taça Brasil. Essa última chamava apenas os clubes que tivessem sido campeões estaduais. Já a “Taça Robertão” mantinha clubes que não obtiveram sucesso estadual. Portanto, demonstra-se uma ruptura em relação aos campeonatos estaduais, de forma que eles foram colocados em segundo plano.

Outro ponto é a forma de escolha dos clubes: na qual apenas os clubes que tinham alguma relevância nacional foram escolhidos e diversos outros clubes e estados foram excluídos. Os estados da Bahia e de Pernambuco foram inseridos posteriormente, por exemplo. Em 1968 haviam 17 clubes na “Taça Robertão”, dentre esses 12 eram da região Sudeste, 03 do Sul e 02 do Nordeste.

Em 1968, Os clubes goianos não obtiveram chance de participar da “Taça Robertão”, realizando jogos nacionais apenas na Taça Brasil – campeonato extinto nesse ano.. Santos (2012) relata a ausência dos grandes clubes na Taça Brasil em 1968, eles haviam deixado de participar da Taça Brasil pra ficarem apenas no Torneio Roberto Gomes.

Com isso a Taça Brasil vai perdendo a sua importância e influência, principalmente pela ausência dos grandes clubes que procuravam romper a ligação com a questão estadual e focar no nacional.

Em 1967, inicia-se o Torneio Roberto Gomes com a ausência dos clubes goianos, o que demonstra que eles não possuíam relevância nacional no âmbito do futebol. Nesse sentido, percebe-se que o estado de Goiás foi deixado de lado, mostrando que existiam algumas deficiências futebolísticas e estruturais. Havia necessidade de maiores atrativos para o estado e os clubes do estado não obtiveram grandes resultados na Taça Brasil.

O estado de Goiás não tinha grandes participações políticas no país, e também os estádios não proporcionaram grandes públicos, o que também era pretexto para ausência do estado de Goiás no campeonato.

A Taça Robertão foi uma competição que durou apenas 04 anos, porém de grande influência, na qual ela se torna a competição que daria vaga a Taça Libertadores, tornando-se o campeonato mais importante do país.

Nessa competição houve 03 times campeões, o Palmeiras o único bicampeão dessa competição em 1967 e 1969, Santos em 1968 e Fluminense em 1970.

Torneio este que tinha grande quantidade de clubes cariocas e paulistas, respondendo assim pela vitória destes dois estados na competição. A Taça Robertão, mesmo com erros pela falta de integração, foi um campeonato acirradíssimo.

Principalmente, que de acordo com Santos (2012, p 53) os clubes estavam procurando melhores jogos, e agora com grandes clubes os espetáculos poderiam ser mais recorrentes, já que o método de escolha dos clubes da taça Brasil era extremamente devassados, procuravam de fato uma integração, mas excluía diversos clubes por conta do campeonato estadual.

A Taça Robertão tem poucos anos de existência, devido ao êxito da Copa de 1970, em que a seleção brasileira se sagrou tricampeã. O governo militar se apropria dessa vitória, vinculando assim o êxito esportivo com um êxito político.

A sensação de “quebra de hierarquia” proporcionada pelo futebol começou pelo próprio Médici, no caso da Copa de 1970. Suas relações com o futebol não foram somente publicitárias: o presidente era um autêntico torcedor, segundo relatos insuspeitos. O cronista Carlos Heitor Cony, perseguido pelo regime militar, afirma: Médici era fanático por futebol, e não foi armação do regime militar a divulgação de algumas de suas fotos mais famosas – ouvindo jogo no radinho de pilha, enrolado na bandeira nacional por ocasião do tricampeonato e fazendo embaixadas com alguma perícia, o que revelava intimidade com a bola. (GUTERMAN, 2012, p 270)

Neste sentido o fim precoce da “Taça Robertão” é bem claro tanto para o futebol brasileiro quanto para a política brasileira, Era fundamental para o governo que mantivessem o sucesso futebolístico para que assim o governo continuasse aproveitando do sucesso da Seleção Brasileira. Portanto era necessário que de fato criassem um campeonato brasileiro que fosse mais estruturado.

Em reunião no dia 4 de fevereiro de 1971, a CBD anuncia a criação de um novo campeonato para o futebol tricampeão mundial. Resultado prático do movimento incrementado em 1970 pedindo uma reorganização do futebol nacional, o Campeonato Nacional de Clubes (SANTOS, 2012, p 84).

O campeonato brasileiro começa a ser organizado pela CBD (Confederação Brasileira de Desporto), que, de acordo com Santos (2012), mantinha diversas relações com o governo militar, na qual as ações da CBD eram articuladas juntamente com o governo.

A CBD tinha clara ambição na formação deste campeonato, “O projeto de integração nacional através do futebol, iniciado na gestão de João Havelange, foi instrumentalizado de forma acintosa por seu sucessor na CBD” (Santos, 2012, p 135).

Uma das políticas do governo era a integração nacional e uma das formas utilizadas foi por meio do futebol brasileiro com a criação do campeonato nacional, de forma que pretendiam inserir todos os estados na competição. Porém houve diversas dificuldades e necessidades que precisaram ser atendidas posteriormente.

O campeonato brasileiro se inicia, porém mantiveram os mesmos problemas de torneios anteriores: faltavam clubes de estados com menor influência no futebol, haviam diversos estados de fora, no qual Goiás era um desses estados. Faltava-se estrutura para realização de grandes jogos em muitos estados que não tinham grande capacidade em seus estádios e também existia a falta de competitividade destes outros clubes.

A forma como foi realizada a escolha dos clubes, foi duramente criticada pela Revista Placar “que lutara durante todo o ano de 1971 pela criação do Nacional, acaba adotando uma postura cautelosa. Com o título ‘Até que enfim um Campeonato Nacional – mas tem que melhorar’” (Santos, 2012, p. 86).

De acordo com Santos (2012), o campeonato teria caráter nacional, porém o mesmo mantinha os mesmos problemas do campeonato anteriores, como a falta de inclusão e o método de escolha dos clubes.

O campeonato nacional foi bem tardio em relação a diversas ligas e torneios de outros países, como a Inglaterra, Alemanha, Itália, Argentina etc. A Inglaterra e a Argentina mantinham uma liga desde o século XIX. Neste sentido, percebe-se a importância da criação da mesma, onde o Brasil queria dar um passo a mais no futebol nacional, manter um bom nível em seu campeonato nacional, seria refletido na seleção brasileira.

De acordo com Santos (2012), esse era um grande momento da criação, principalmente pelo êxito da seleção na Copa, se criando uma “paixão brasileira”.

Diante do ressentimento à nossa incompletude civilizacional, a naturalização da paixão do brasileiro pelo futebol tornou-se um ardil compensatório. Uma produção de nossos intérpretes, que ao longo do tempo passou a ser reconhecida como a ‘nossa’ identidade, entre as quais estariam também o samba ou o carnaval. (RIBEIRO, 2001, p 34).

Nesse sentido, Ribeiro (2001), expõe como se dá a imaginação da nação, principalmente voltada à utilização como uma identidade nacional. Nessa perspectiva, o presidente Médici aproveita a utilização da vitória da seleção na Copa ao seu favor, de forma que buscasse vincular o êxito do futebol ao seu governo.

De acordo com Santos (2012, p 85), Antônio do Passo (Presidente da Comissão Técnica da CBD), apresentou um documento à imprensa sobre como funcionaria o campeonato, de forma que Antônio do Passo utilizava as questões de sucessos do campeonato Roberto Gomes Pedrosa (Robertão) para replica-las posteriormente.

Esse documento apresenta o processo de escolha de um clube para participar, era necessário que o clube fosse minimamente profissional e que tivesse um estádio que pudesse atender o clube visitante.

Nesse sentido, lembra-se que o maior estádio de Goiás em 1971 era o Estádio Olímpico, com capacidade para 10 mil pessoas. Ainda que época de sua construção ele possuísse uma boa capacidade, ele se torna obsoleto nos anos 1970. Era necessária uma reforma ou um novo estádio que abrangesse os requisitos para a participação do estado no Campeonato Brasileiro.

Com a falta de convite do campeonato brasileiro para um time de Goiás, os clubes do estado não felizes com a falta de convite, buscaram formas para que não ficassem parados, com isso.

Em Goiás, o governador Leonino Caiado apoiou a idéia de Hailé Salassié Pinheiro, presidente do Goiás em realizar um torneio paralelo ao Campeonato Brasileiro: o Torneio de integração Nacional, tendo como participantes times que ficaram de fora da “festa da CBD”. A alegação é sempre mesma: o futebol seria uma bela promoção para seus estados. Em Pernambuco, o governador Eraldo Gueiros anunciou estar disposto a envolver o governo estadual na luta pela reforma do estádio Arruda. (SANTOS, 2012, p 88)

Nesse sentido, houver criações de torneios paralelos, como o Torneio de Integração em 1971, que ficou marcado para o futebol goiano, pois enfim há a primeira conquista de um clube goiano no campeonato nacional.

Este torneio foi realizado em 1971, com 16 clubes e 11 estados participantes. O formato do torneio foi feito em 04 grupos de 04 clubes, estilo copa do mundo¹ O Atlético foi avançando de fase por fase, até enfrentar a Ponte Preta na final.

Final esta que foi apertada, já que a Ponte Preta tinha um grande time, um desses grandes jogadores era Nelsinho Batista, um lateral, que muitos apontam um dos grandes que passou pelo clube. O Dragão, apelido do Atlético Goianiense, fez um gol com Luizinho nos minutos finais, se sagrando campeão do Torneio de Integração de 1971.

O livro do Jornal O popular² reiterava as questões dos clubes insatisfeitos pela ausência de convite para a participação do campeonato nacional. “O Torneio da Integração Nacional foi fruto de um movimento de clubes insatisfeitos por não terem sido incluídos no Campeonato

¹ Campeões do Futebol, Torneio de Integração de 1971, Sidney Barbosa da Silva, 12 de junho de 2016

² Livro Digital do Jornal O popular,

Brasileiro”. (Medeiros, Silva e Ferrari 2021, p 34), desta forma diversos clubes entraram nessa competição, até mesmo clubes do interior paulista para não ficarem de fora de uma competição nacional, mesmo que não fosse criada pela CBD.

Este campeonato foi de grande importância para o futebol goiano, principalmente porque ele começa a mostrar a força dele e a necessidade de competir em nível nacional. De acordo com Santos (2012, p.100), esses torneios paralelos não eram bem-vistos pela Arena.

Tal descontentamento, encabeçado por lideranças políticas importantes da ARENA, não seria bem visto pelos arquitetos do projeto de integração nacional’. Campeonatos paralelos ou a simples exclusão de regiões inteiras iam na contramão do discurso oficial e, na visão governista, isso deveria ser resolvido. (SANTOS, 2012, p 99 e 100)

Deixando ainda mais explícito o que o governo pretendia fazer com o futebol, ele estava sendo instrumentalizado de forma que buscasse recompensar os estados com a adesão ao Campeonato Brasileiro, pois essa era uma forma de unir os estados e o país.

Com isso, o governo ajudou na criação de grandes praças esportivas, para criar grandes espetáculos e buscar o apoio da sociedade brasileira por meio dos jogos de futebol. De modo que esses jogos pudessem fazer a sociedade contribuir com as ações políticas realizadas pelo governo na época.

Mesmo com a vitória do Atlético-GO no Torneio de Integração, o campeonato brasileiro de 1972 se inicia novamente sem nenhum clube goiano, mostrando que haveria realmente a necessidade de algo mais que chamasse atenção do Campeonato Brasileiro.

O estado e o futebol goiano apontam que de fato, era necessário a criação de um espaço que mostrasse o profissionalismo que requer o campeonato brasileiro.

Nesse sentido, percebe-se que era necessária uma nova casa para o futebol goiano. Um espaço de que buscasse criar a figura de um grande estádio de uma ótima qualidade, indo ao encontro da fala de Antônio Passos sobre a necessidade dos clubes possuírem grande estádio para participar do campeonato.

De acordo com Lisita (1975), para a construção do estádio foram feitos estudos sobre os maiores estádios do Brasil, de forma que buscasse construir o mais tecnológico e avançado possível para a construção do estádio

Com a construção do Estádio Serra Dourada, o futebol de Goiás, que começa já a despontar com brilho no cenário local, passará por uma fase de grande desenvolvimento. O novo estádio construído de forma racional e compatível

com as necessidades do futebol de Goiás, estará dando ao nosso Estado o lugar de destaque que de há muito ele se faz merecedor no consenso nacional (LISITA, 1975, p 34)

É bem explícito o que o estado de Goiás pretende com a construção do estádio, principalmente movido pelas considerações que a CBD exigia, na qual a confederação de desporto estava intrinsecamente ligada ao governo que incentivava as grandes obras futebolísticas no país.

Essas grandes construções eram vinculadas às obras durante a ditadura militar. Na qual Mascarenhas (2014) sobre a febre de grandes estádios, essas obras por serem grandes estruturas, chamavam muita atenção desta forma instigando sobre o sucesso do país, principalmente por haver grandes obras futebolísticas.

Na ditadura houve diversas construções de estádios, porém, de acordo com Malaia (2021, p 173), 14 delas se destacam, eles eram estádios com capacidade acima de 40 mil pessoas, considerados grandes construções. Dentre essas 12 foram de 1965 a 1975.

Durante os anos 1970, órgãos de imprensa, setores da sociedade e, principalmente, o governo brasileiro se orgulhavam do tamanho dos estádios que se inauguravam. Segundo a revista *Manchete*, o Brasil tinha “210 estádios gigantescos” (*Manchete*, 23 jan. 1971, p. 36). Em 1978, o jornal *O Fluminense* afirmava que os 308 estádios do país comportariam juntos mais de cinco milhões de pessoas e que “todos os maiores estádios do mundo reunidos, se lotados, perdem disparado para os estádios que existem no Brasil, por uma diferença de 2.972.234 lugares (MALAIA, 2021, p 173)

Nesta perspectiva, observa-se a utilização dos estádios como mediador social, no sentido que buscam grande público e grande atenção aos jogos, de acordo com Malaia (2021), o governo utilizavam os estádios como “ferramenta na cultura política”, de forma que buscassem o apoio popular por meio dos grandes estádios. Mascarenhas (2014) também cita sobre a questão dos grandes estádios:

Estando os quatro principais centros futebolísticos dotados de grandes arenas, iniciamos outro período, marcado pela construção de grandes estádios nas demais capitais... Havia o projeto político de aprofundar os vínculos do futebol com o regime militar e de propiciar plena massificação desse esporte, considerado por muitos um meio de alienação, a desviar a atenção dos principais problemas sociais. Ao mesmo tempo, surgia em 1971 o campeonato nacional, com amplas perspectivas de integração do território. Nesse novo contexto, o governo investirá fartamente na produção de novas arenas. (MASCARENHAS, 2014, p 166)

Com diversos estádios sendo construídos, fica mais claro ainda o projeto militar: o governo junto com os estados, utilizaram o futebol e os estádios como instrumentos políticos,

de forma que pudessem utilizar a imagem dos mesmos ao seu favor, ajudando-os na reputação de seus governos.

Malaia (2021) explicita isso ainda mais, quando ele relata sobre a rápida construção dos estádios e como os governadores aceleraram para a finalização das obras. As obras foram construídas rapidamente, justamente para finalizarem as obras em seu mandato.

Dessa forma, pensando em sua imagem de governador, não no estado, a construção era uma ação de mão dupla, ajudavam tanto o estado, mesmo não sendo tanto o propósito quanto o governo que seria a popularidade.

Santos (2012) trabalha sobre a questão de apoio popular por meio de inserção de clubes no campeonato nacional, desta forma, o time que tivesse o seu clube ou estado na competição, estariam de apoio ao governo.

A visão que a sociedade adquire após as construções do estádio é que se tornam grandes estruturas capazes de se tornar um símbolo cultural do seu estado.

Apesar dos diversos problemas do estado, a construção do Serra Dourada, traz uma perspectiva de que o estado também tinha grandes construções, tornando-se uma estrutura extremamente chamativa. O local de construção do estádio também o ajuda nisso, no qual ele é construído em uma das entradas do estádio, chamando assim muita atenção pra quem vem de fora e também para quem é do estado.

O estádio chama a atenção pela grandiosidade, no qual ele se torna muito mais que um local estadual, ele consegue se transformar também para o cenário nacional, todos o querem o conhecer.

Com isso, clubes, seleções e craques passavam a comparecer a essas cidades para atuar nos novos estádios. Eventos musicais e até a visita do papa tiveram como palco esses estádios, alterando profundamente a percepção de entretenimento nesses municípios e entorno (MALAIA, 2021, p 13),

Nesse sentido, observa-se que as praças esportivas se tornam locais de referência a sua cidade e estado, adentrando de forma que a visão em relação à construção de estádios para a população só foi possível em decorrência do governo militar.

Considerações Finais

Este trabalho tem como finalidade a compreensão das razões políticas utilizadas, como pretexto da construção do estádio Serra Dourada, no qual, há grandes influências do governo ditador que havia no período da construção do mesmo.

Dentre essas razões, fica evidente o quanto a construção do mesmo, é uma instrumentalização do governo ditatorial, no qual utiliza um espaço do estado de Goiás, como fomentador de um apoio tanto político quanto social.

Outra grande característica da construção deste enorme espaço é a criação da necessidade, no qual se faz pensar que há uma carência de um grande estádio para ser um local de grandes eventos esportivos, neste sentido, há o movimento encabeçado pelo governo, no qual há a busca da integração do país, isso é, o estádio e o estado, viram palco de jogos de times de grandes massas no país, e este local acaba se tornando símbolo do estado.

Referências Bibliográficas

Fico, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. *Tempo e Argumento*, v. 09, p. 05-74, 2017.

Fico, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n.47, p. 29-60, 2004.

Guterman, Marcos, *Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar*.

Júnior, Ciro Lisita, *30 anos do futebol goiano*. Editora Dom Bosco

Malaia, João Manuel Casquinha; Fortes, Rafael. `Brasil-grande, estádios gigantesco? Toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985. *Tempo* (NITERÓI. ONLINE), v. 27, p. 165-183, 2021.

MASCARENHAS, G. *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014. v. 1.

Ribeiro, Luiz Carlos, *Futebol: Por uma história política da paixão nacional*. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/30570/19763>>

Santos, de Araújo dos Santos. *Futebol e Política: A criação do campeonato nacional de clubes de futebol*. 2012

Torneio da integração nacional de 1971, campeões do futebol, 2016, url: https://www.campeoesdofutebol.com.br/torneio_integracao_nacional_1971.html, acessado em dia: 26 de setembro. 12 histórias do futebol goiano, e-book, Jornal O popular, 2021